

CIÊNCIA E MEDICINA

Celular ao volante oferece mais risco do que bebida

Quem usa o telefone enquanto dirige tem reação mais lenta do que motoristas sob efeito do álcool, revela pesquisa

LONDRES – Falar ao telefone celular enquanto se dirige é mais perigoso do que dirigir depois de beber, de acordo com uma pesquisa realizada na Grã-Bretanha.

Testes realizados num laboratório de pesquisas de trânsito mostraram que motoristas que falavam ao celular tinham uma reação mais lenta e demoravam mais para parar o carro do que motoristas sob efeito do álcool.

A pesquisa também conclui que usar o viva-voz ao dirigir é tão perigoso quanto segurar o aparelho nas mãos.

Em alguns países, como a Grã-Bretanha, o uso de celular na direção não é ilegal, mas os motoristas podem ser processados por direção perigosa ou negligência.

No Brasil, o Código Nacional de Trânsito diz que o motorista deve dirigir com as duas mãos no volante, permitindo portanto o uso de celular quando ligado no viva-voz.

A pesquisa mostra que a reação de alguém que está falando ao celular a um imprevisto no trânsito é 30% mais lenta do que de uma pessoa que bebeu um pouco acima do limite permitido – uma dose de bebida alcoólica, pela lei britânica – e

50% mais lenta do que a de um motorista em condições normais.

Motoristas que falavam ao celular também tiveram mais dificuldade para manter uma velocidade constante e para ficar a uma distância segura do carro da frente.

A pesquisa foi patrocinada pela seguradora britânica Direct Line e contou com a participação de 20 voluntários que dirigiram em simuladores. Para Roger Vicent, da Sociedade Real para Prevenção de Acidentes, o problema é que o motorista se concentra na conversa e pode se distrair na direção.

Vicent diz que a conversa com uma pessoa que está dentro do carro não tem o mesmo impacto. “A pessoa do outro lado da linha não sabe quais são as condições em volta do motorista. Se a pessoa está dentro do carro, ela pode ver uma situação perigosa e pára de falar”, explica.

FABIO NUNES - 23/04/00



Motorista fala ao celular: perigo no trânsito



Exercícios físicos ajudam a evitar doença cardíaca

Raiva eleva a taxa de colesterol em mulheres

NOVA IORQUE – O temperamento agressivo pode fazer mal ao coração, mas exercícios físicos podem ajudar até mesmo as pessoas mais furiosas a escaparem de uma doença cardíaca, sugere uma pesquisa da Universidade de Maryland, em Baltimore (Costa Leste dos EUA).

Em um estudo feito com 103 mulheres saudáveis de meia-idade, os pesquisadores descobriram que as voluntárias propensas a explosões de raiva tinham níveis de colesterol menos benéficos que as mais calmas.

Contudo, entre as mulheres que eram nervosas e se encontravam em boa forma física, o temperamento não exerceu tais efeitos sobre a taxa de colesterol.

Além disso, nem todas as formas de raiva foram relacionadas aos níveis de colesterol mais desfavoráveis, afirmou a equipe de Aron Wolfe Siegmán, da Universidade de Maryland, em Baltimore.

A “raiva neurótica” – associada à tendência de ter reações

hostis a críticas ou insultos – não teve ligação com os níveis mais elevados do colesterol “ruim” (o LDL) nem com as baixas taxas do colesterol “bom” (o HDL).

Por outro lado, as mulheres que tinham “temperamento raivoso” e dificuldade de controlar a hostilidade apresentaram tendência a ter uma taxa mais elevada tanto do LDL quanto do colesterol total.

As descobertas foram publicadas na mais recente edição da revista *Journal of Behavioral Medicine*. Outras pesquisas haviam mostrado uma ligação entre a raiva crônica e o risco de doença cardíaca.

Ainda não está claro o motivo pelo qual a falta de controle sobre a agressividade pode afetar negativamente os níveis de colesterol, de acordo com a equipe de Siegmán.

Os cientistas notaram, entretanto, que esse traço de personalidade pode estar ligado à hipersensibilidade a hormônios como a adrenalina.

Jardineiro de Darwin foi o 1º ecologista

WASHINGTON – Para escrever o ensaio “A origem das espécies”, publicado em 1859 e que serviu de base para as teorias evolucionistas, Charles Darwin utilizou experimentos realizados 40 anos antes por um jardineiro, atualmente considerado o primeiro pesquisador ecologista, segundo um estudo publicado na revista “Science”.

Em sua obra fundamental sobre os mecanismos da seleção natural, Darwin verifica que o crescimento das plantas é favorecido pela biodiversidade. Suas afirmações se baseiam em provas misteriosas, cujas fontes foram identificadas recentemente.

Os autores do estudo determinaram que tais experimentos foram feitos por George Sinclair, chefe de jardineiros do Duque de Bedford, em princípios do século XIX, em um jardim de Woburn Abbey, no Sudeste da Inglaterra.

Os experimentos de Sinclair foram citados na obra “Hortus Gramineus Woburnensis”, publicada em 1816.

Andrey Hector e Rowan Hooper, autores da pesquisa, chegaram às fontes das atividades do engenhoso jardineiro graças a um manuscrito incompleto de Darwin, intitulado “Seleção natural”.

Alexandre Magno causou primeira inflação

LONDRES – Alexandre Magno foi o maior gênio militar de todos os tempos mas, de um ponto de vista econômico, deixou muito a desejar, tanto que provocou a primeira inflação do mundo. Esta é a conclusão de economistas americanos que analisaram as ruínas arqueológicas da Babilônia.

Segundo o professor Peter Temin, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), a culpa do rei macedônico foi ter colocado muito dinheiro em circulação, fato que gerou uma espiral inflacionária que durou vários anos após sua morte (em 323 antes de Cristo).

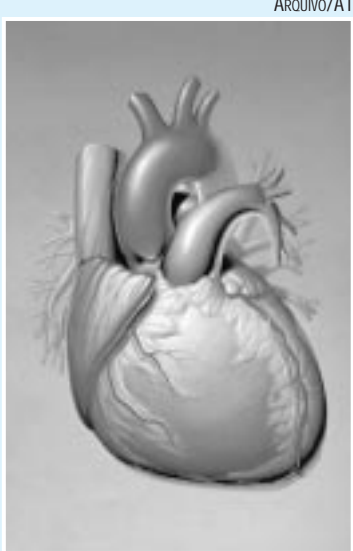
Temin e colegas estudaram um vasto arquivo de tábuas do primeiro milênio antes de Cristo. Algumas delas tinham os preços dos produtos mais comuns da época: agrião, cevada, tâmaras, mostarda, gergelim e algodão. Foi assim que descobriram que, imediatamente após a morte de Alexandre Magno, verificou-se uma elevação de preços.

“É a primeira inflação documentada e a prova de que, na Babilônia, existia uma economia de mercado”, explica o professor americano. “Este centro antigo reagiu à incerteza política causada pela morte do grande militar da mesma forma que as instituições financeiras modernas reagem às más notícias”.

CORAÇÃO – Esfriar a temperatura do corpo por pelo menos 12 horas, depois de um infarto ou de uma parada cardíaca, aumenta as possibilidades de sobrevivência dos enfermos e previne os riscos de danos irreversíveis.

Dois estudos científicos realizados na Europa e na Austrália forneceram as provas sobre os benefícios da hipotermia, recomendada pelos especialistas americanos para os sobreviventes de uma parada cardíaca.

A hipotermia reduz a necessidade cerebral de oxigênio e suprime os processos químicos que matam as células cerebrais.



ARQUIVO/AT